



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ONLINE
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ESTRATÉGIAS DE ACESSO E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO
CIENTÍFICO: A SURDEZ TEMATIZADA EM PERIÓDICOS
BRASILEIROS**

PAULA APARECIDA DINIZ GOMIDES

Belo Horizonte (MG)
Junho, 2022

PAULA APARECIDA DINIZ GOMIDES

**ESTRATÉGIAS DE ACESSO E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO
CIENTÍFICO: A SURDEZ TEMATIZADA EM PERIÓDICOS
BRASILEIROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação Online do Instituto Nacional de Educação de Surdos – Polo UFLA, como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago da Silva Ribeiro

Belo Horizonte (MG)
Junho, 2022

G633e Gomides, Paula Aparecida Diniz.
Estratégias de acesso e circulação do conhecimento científico: a surdez tematizada em periódicos brasileiros / Paula Aparecida Diniz Gomides. — 2022.
51 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Tiago da Silva Ribeiro.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2022.

1. Surdez. 2. Periódicos. 3. Ciência. 4. Tecnologia da informação. I. Título. II. Ribeiro, Tiago da Silva.

CDD 305.9082



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
DEPARTAMENTO DE ENSINO SUPERIOR-DESU
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO ONLINE - NEO
Rua das Laranjeiras, 232. Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ – Brasil. CEP 22240-003
CNPJ – 00.394.445/0273-01
www.ines.gov.br

ATA DE APROVAÇÃO DE MONOGRAFIA

No dia 14 de junho de 2022, foi realizada a defesa da monografia “ESTRATÉGIAS DE ACESSO E CIRCULAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: A SURDEZ TEMATIZADA EM PERIÓDICOS BRASILEIROS” elaborada por **PAULA APARECIDA DINIZ GOMIDES**, como trabalho de conclusão do Curso de Pedagogia do Departamento de Ensino Superior do INES, como requisito parcial para obtenção do Grau de licenciado em Pedagogia. Fizeram parte da Banca Examinadora o(a) professor(a) orientador(a) Dr. TIAGO DA SILVA RIBEIRO (DESU/INES), a professora Dra. PATRICIA LUIZA FERREIRA REZENDE (DESU/INES) e a professora Dra. MARIA DO SOCORRO ALENCAR NUNES MACEDO (UFSJ) que consideraram o trabalho aprovado com a nota final 10 (dez).

Documento assinado digitalmente
gov.br Tiago da Silva Ribeiro
Data: 15/06/2022 11:15:10-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dr. TIAGO DA SILVA RIBEIRO (DESU/INES)

Documento assinado digitalmente
gov.br PATRICIA LUIZA FERREIRA REZENDE
Data: 04/07/2022 15:49:51-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dra. PATRICIA LUIZA FERREIRA REZENDE (DESU/INES)

Documento assinado digitalmente
gov.br Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo
Data: 05/07/2022 11:31:09-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Dra. MARIA DO SOCORRO ALENCAR NUNES MACEDO (UFSJ)

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCIANA MORATELLI PINHO
Data: 15/06/2022 10:41:51-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2022.

Luciana Moratelli Pinho

Coordenadora de Assuntos Acadêmicos DESU- INES

Matrícula 1538332

À comunidade surda brasileira que tanto tem me ensinado sobre luta, reconhecimento social, busca por direitos e visibilidade linguística. Obrigada por me batizarem com um lindo sinal, proporcionando-me ver a vida, ao menos um pouco, de uma forma mais sensível, humana e respeitosa. Este trabalho é sobre vocês e para vocês!

AGRADECIMENTOS

“Obrigado a todas as pessoas que contribuíram para meu sucesso e para meu crescimento como pessoa. Sou o resultado da confiança e da força de cada um de vocês”.

Augusto Branco

Agradecer nem sempre é uma tarefa fácil, sempre há o risco de, no meio do caminho esquecer alguém, ou deixar alguém no meio do caminho. De qualquer forma, não há nada mais humano que o reconhecimento às pessoas que nos constituem e que colaboram, não apenas para a escrita de um trabalho de conclusão de curso, já que esta é uma tarefa essencialmente solitária, mas também, para a nossa construção, enquanto pessoa, para que o trabalho acadêmico não seja a única tônica de nossos dias e para que não nos entreguemos à loucura de uma vida sem motivações expressas. Pois bem, vou tentar buscar alguns nomes em minhas memórias.

Agradeço inicialmente ao meu orientador Tiago da Silva Ribeiro que aceitou minha proposta de pesquisa, acreditando em mim e tornando-se, não um orientador, mais um parceiro de pesquisa, quiçá um amigo.

Às professoras participantes de minha banca Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, minha querida orientadora do Mestrado em Educação, em que eu tanto me inspiro no âmbito profissional e também pessoal.

Ao meu companheiro Marcos Nardi por caminhar comigo e por me lembrar que sou humana. Pelos filmes no final do dia, passeios na orla da Lagoa da Pampulha, conversas da madrugada, lanches esfomeados e aventuras noturnas em Itapecerica (MG) e em Belo Horizonte (MG). Você mostra o melhor de mim.

Ao meu orientador do Doutorado em Educação, Gilcinei Teodoro Carvalho por compreender a divisão de tarefas entre a licenciatura e o doutorado e por debater e publicar comigo também na temática da educação de surdos.

Aos pesquisadores e amigos amados Ana Regina e Souza Capello, Erliandro Felix Silva e William Velozo Francioni, seguimos pesquisando, debatendo e publicando sobre a temática da educação de surdos. Agradeço pela parceria de sempre!

Ao Instituto Nacional de Educação de Surdos por me oportunizar essa experiência maravilhosa de imersão na comunidade surda, que me tornou, sem dúvidas, uma pessoa melhor.

Ao coordenador de nosso curso na UFLA Wanderson Samuel Moraes de Souza por ser tão solícito e me ajudar em diversas demandas, não apenas do curso, mas também da busca por

novas e efetivas formas de proporcionar o acesso ao conhecimento científico à comunidade surda.

À comunidade surda brasileira que nos inspira e estimula à luta.

À todas aquelas e aqueles que tornaram esse percurso possível, minha imensa gratidão!

A alma diferente

O mundo ainda não aprendeu a lidar com seres humanos diferentes da média.

Diferente é quem foi dotado de alguns mais e de alguns menos em hora, momento e lugar errado. Para os outros. Que riem de inveja de não serem assim. E de medo de não aguentarem, caso um dia venham a ser. O diferente é um ser sempre mais próximo da perfeição. Nunca é um chato. Mas é sempre confundido com ele por pessoas menos sensíveis e avisadas. Supondo encontrar um chato onde está diferente, talentos são rechaçados; vitórias são adiadas; esperanças são mortas. Um diferente medroso, este sim acaba transformando-se num chato. Chato é um diferente que não vingou.

O diferente começa a sofrer cedo, desde o colégio, onde todos os demais de mãos dadas, e até mesmo alguns professores por omissão (principalmente os mais grossos), se unem para transformar o que é peculiaridade e potencial, em aleijão e caricatura. O que é percepção aguçada em "- puxa, fulano, como você é complicado". O que é o embrião de um estilo próprio em "- Você não está vendo como é que todo mundo faz?"

O diferente carrega desde cedo apelidos e carimbos nos quais acaba se transformando. Só os diferentes mais fortes do que o mundo à sua volta se transformaram (e se transformam) nos seus grandes modificadores.

Diferente é o que: chora onde outros xingam; quer, onde outros cansam; espera, de onde já não vem; sonha, entre realistas; concretiza, entre sonhadores; fala de leite em reunião de bêbados; cria, onde o hábito rotiniza; perde horas em coisas que só ele sabe importantes; diz sempre na hora de calar; cala sempre nas horas erradas; fala de amor no meio da guerra; deixa o adversário fazer o gol porque gosta mais de jogar que de ganhar; aprendeu a superar o riso, o deboche, o escárnio e a consciência dolorosa de que a média é má porque é igual; vê mais longe do que o consenso; sente antes dos demais começarem a perceber; se emociona enquanto todos em torno agridem e gargalham.

A alma dos diferentes é feita de uma luz além. A estrela dos diferentes tem moradas deslumbrantes que eles guardam para os poucos capazes de os sentir e entender. Nessas moradas estão os maiores tesouros da ternura humana. De que só os diferentes são capazes. Jamais mexam com o sentimento de um diferente. Ele é sensível demais para ser conquistado sem que haja consequência com o ato de o conquistar.

Artur da Távola

RESUMO

Com a recente intensificação de pessoas surdas no ensino superior, em cursos de graduação e pós-graduação, algumas reflexões se fazem necessárias a respeito dos domínios linguísticos que permeiam este espaço, especialmente diante das mudanças legislativas que priorizam a Libras como a primeira língua da comunidade surda brasileira. Debateremos a importância de repensarmos a forma como a divulgação científica tem sido conduzida em nosso país, sobretudo em relação às políticas linguísticas nas quais se embasam os periódicos científicos. Objetivamos debater formas mais inclusivas de disseminação do conhecimento, principalmente em publicações que tematizam a surdez e a educação de surdos, tendo em vista que a língua oficial desta comunidade é a Língua Brasileira de Sinais (Libras) (BRASIL, 2002; 2005). Nossos objetivos perpassam por levantar e demonstrar formas de divulgação científica, com apoio de novas tecnologias, que sejam mais acessíveis à comunidade surda, como as apresentações de artigos em Libras, por vídeo, por exemplo. Assim, questionamos: é possível desenvolver estratégias para que a produção e a circulação do conhecimento científico se tornem mais acessíveis ou democráticas? Nossa hipótese é a de que as publicações relacionadas a essa comunidade podem nos oferecer pistas acerca da forma como a produção científica pode ser democratizada, tornando-se mais acessível para realidades outras, considerando sujeitos que utilizam as línguas de modalidade viso-espaciais. Nosso ponto de partida é a coleta de estudos que tematizam a comunidade surda, por meio da visão Sociocultural, abordando de que forma os periódicos que aceitam trabalhos científicos deste cunho promovem a apresentação e socialização destes em sua plataforma. Também debatemos instrumentos de dominação linguística e subordinação, utilizando-nos de referenciais como Bourdieu (2004), Freire (2019; 2021) e Castro-Gómez (2007). Além da busca por trabalhos na temática, investigamos os regimentos de duas licenciaturas em Letras-Libras, com foco na produção dos trabalhos de conclusão de curso (TCC), bem como levantamos algumas produções em periódicos e livros que realizaram essa divulgação, tal como defendemos neste artigo. Coletamos 94 estudos, publicados entre 2019 e 2021 em duas bases de dados científicas: BDTD e CAPES periódicos. Nenhum dos estudos foi apresentado em Libras, sendo predominante a socialização por meio do suporte em PDF e em língua portuguesa. Debateremos ainda, alguns trabalhos socializados em Libras, por meio da análise de dois periódicos científicos, um livro *ebook* e duas licenciaturas em Letras Libras. Concluímos que, em geral, os repositórios que socializam estudos sobre a educação de surdos não desenvolvem uma forma alternativa ou democrática de divulgação em Libras. Essas ações ocorrem de forma fragmentada em periódicos e livros, bem como, também não são totalmente articuladas e integrativas nos regulamentos para a produção do TCC nas licenciaturas analisadas.

Palavras-chave: Divulgação Científica; Políticas Linguísticas; Comunidade Surda; Novas Tecnologias; Libras.

RESUMO EM LIBRAS

Disponível em: <https://youtu.be/rIDxbJLyN14>. Acesso em: 27 mai. 2022.

ABSTRACT

With the recent intensification of deaf people in higher education, in undergraduate and graduate courses, some reflections are necessary regarding the linguistic domains that permeate this space, especially in the face of legislative changes that prioritize Libras as the first language of the Brazilian deaf community. We discuss the importance of rethinking the way scientific dissemination has been conducted in our country, especially in relation to language policies on which scientific journals are based. We aim to discuss more inclusive ways of disseminating knowledge, especially in publications that deal with deafness and deaf education, considering that the official language of this community is the Brazilian Sign Language (Libras) (BRASIL, 2002; 2005). Our goals are to raise and demonstrate ways of scientific dissemination, with support from new technologies, which are more accessible to the deaf community, such as presentations of articles in Libras, by video, for example. Thus, we question: is it possible to develop strategies for the production and circulation of scientific knowledge to become more accessible or democratic? Our hypothesis is that the publications related to this community can offer us clues about how scientific production can be democratized, becoming more accessible to other realities, considering subjects that use visuo-spatial modality languages. Our starting point is the collection of studies that theme the deaf community, through the sociocultural vision, addressing how the journals that accept scientific papers of this nature promote the presentation and socialization of these in its platform. We also discuss instruments of linguistic domination and subordination, using references such as Bourdieu (2004), Freire (2019; 2021) and Castro-Gómez (2007). In addition to the search for papers on the theme, we investigated the regiments of two undergraduate degrees in Letras-Libras, focusing on the production of the course completion papers (TCC), as well as surveyed some productions in journals and books that made this disclosure, as we advocate in this article. We collected 94 studies, published between 2019 and 2021 in two scientific databases: BDTD and CAPES journals. None of the studies was presented in Libras, being predominant the socialization through PDF support and in Portuguese language. We also discuss some works socialized in Libras, through the analysis of two scientific journals, one ebook and two undergraduate degrees in Libras. We conclude that, in general, the repositories that socialize studies on deaf education do not develop an alternative or democratic form of dissemination in Libras. These actions occur in a fragmented way in journals and books, as well as, they are not fully articulated and integrative in the regulations for the production of the TCC in the analyzed undergraduate courses.

Keywords: Scientific Dissemination; Language Policies; Deaf Community; New Technologies; Libras.

LISTA DE SIGLAS

AD - Análise do Discurso

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CENEX-FALE - Centro de Extensão da Faculdade de letras da UFMG

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda língua

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

Libras – Língua Brasileira de Sinais

PDF – Portable Document Format

TCC – Trabalho de conclusão de curso

UFLA – Universidade Federal de Lavras

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSJ – Universidade Federal de São João del Rei

UNB - Universidade de Brasília

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNICAP - Universidade Católica De Pernambuco

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Periódicos vinculados ao INES.....	33
Figura 2: Interface de artigos da Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras da UFSC.	34
Figura 3: Capa e primeira página de um dos capítulos.....	35
Figura 4: Resumo do capítulo de Tiago Ribeiro interpretado em Libras	35
Figura 5: Repositório Institucional da UFSC	36
Figura 6: Socialização dos TCCs em Libras pela UFPR.....	38

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Matrículas de alunos com alguma deficiência no Ensino Superior em 2019	25
Gráfico 2: Publicações BDTD (2019-2021).....	28
Gráfico 3: Publicações BDTD por natureza do trabalho	28
Gráfico 4: Instituições de Ensino Superior que mais produziram trabalhos <i>sobre, para</i> e de <i>surdos</i>	29
Gráfico 5: Publicações CAPES periódicos (2019-2021).....	30
Gráfico 6: Revistas com publicações recorrentes.....	30

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Recorte de quadro presente na Cartilha Viver sem Limites	41
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1 INCLUSÃO OU EXCLUSÃO? A SOCIALIZAÇÃO DE PESQUISAS <i>SOBRE, PARA E DE</i> SURDOS NO BRASIL	21
2 PRESSUPOSTOS PARA A COLETA E A ANÁLISE DE DADOS.....	27
3 PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: COMO SÃO SOCIALIZADAS AS PESQUISAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL?	32
4 LÍNGUA CULTURA E IDENTIDADE: POR UM PROTAGONISMO SURDO DECOLONIAL E CIENTÍFICO.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS	46

APRESENTAÇÃO

Conforme a epígrafe que abre este artigo, trabalho de conclusão de curso da licenciatura em Pedagogia, realizada no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com polo na Universidade Federal de Lavras (UFLA), o diferente é um ser especial. Não se trata de pensar as pessoas surdas com conotação, demasiadamente conhecida do capacitismo que marca a concepção de especialidade em nossa sociedade. Mas sim, de pensar a pessoa surda como aquela que vivencia suas experiências de uma forma diferente daquela utilizada por nós ouvintes, pelo canal viso-espacial. É vendo e sentindo o mundo que passamos a integrá-lo de uma forma mais humana e dialógica.

Sou Paula, uma pessoa com 31 anos completos, ouvinte e que não se esquece de perceber a segregação na qual viviam os surdos que estudavam no antigo ‘grupo de lata’ da cidade de Itapeçerica (MG). Ainda criança, eu gostaria de ser amiga deles, eu os via tão imersos em suas próprias atividades e sem maiores contatos com os outros estudantes ouvintes da escola. Nossas interações se furtavam no olhar fraterno, no tchau depois das aulas e nos acenos com a cabeça. Jamais passamos disso. Uma única turma com pessoas de diferentes idades e também uma única professora fluente em Libras, adorada por esses alunos, infelizmente já falecida. Eu não entendia. O que era aquilo? Por que eles não falavam comigo? Que gestos eram aqueles com as mãos? Esse era o meu primeiro contato com a Libras.

Após muito tempo, finalizando o curso de Ciências Contábeis e compreendendo que aquele não era o meu ‘lugar’, sou aprovada, na terceira tentativa em instituições diferentes, no Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ). Lá eu passo a ter contato com a área educacional e com a perspectiva de Letramentos Acadêmicos, por intermédio da professora Socorro Nunes. Os letramentos acadêmicos aparecem em um momento difícil, no qual eu conhecia a área e passava a construir uma identidade na educação, de forma acidentada, por tropeços, atropelos, ansiedades e expectativas. Como escrever academicamente? O que é e o que faz a universidade? Por que fazemos o que fazemos? Além desta perspectiva, conheci Bourdieu, Paulo Freire e a teoria decolonial que estabeleceram uma verdadeira revolução na forma como eu via e interpretava o mundo.

Ao passar a entender e a tentar ‘jogar o jogo’, vi que minha graduação em Ciências Contábeis não constituía uma moeda de troca naquele novo espaço social e, por isso, em 2018, abandonei o curso em Administração Pública que realizava na UFSJ, juntamente ao mestrado, e iniciei a Licenciatura em Pedagogia. Uma pena não poder dizer Pedagogia Bilíngue (Libras-Língua Portuguesa), como era na proposta inicial. Contudo, essa é sim uma Pedagogia Bilíngue.

Constituímos a primeira turma do INES com 30 estudantes, 15 surdos e 15 ouvintes, com disciplinas com enfoque em Libras e o estímulo às interações em Libras. Realizar mestrado e uma licenciatura é uma das viagens mais malucas, mas que me rendeu a conscientização, ensinando-me a reconhecer os diferentes e a adentrar na comunidade surda, como ouvinte, mas lutando suas lutas e comemorando suas conquistas.

Ao finalizar o Mestrado em Educação, passo a iniciar o Doutorado em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), local onde também pude aprender mais sobre a Libras nos cursos do Centro de Extensão da Faculdade de letras da UFMG (CENEX-FALE). Fui do curso básico ao intermediário e conheci professores surdos pelos quais tenho o maior carinho e gratidão. Mesmo não desenvolvendo pesquisas voltadas para a comunidade surda no mestrado e doutorado diretamente, me mantive atenta e interessada na temática, sobretudo em relação à Literatura Surda e às políticas linguísticas impostas aos surdos, frente ao domínio da língua portuguesa. Tenho algumas publicações, inclusive com meu orientador no curso de doutorado sobre o tema, além de já ter trabalhado também com a professora doutora Ana Regina e Souza Campello e Erliandro Felix Silva, ambos surdos e pesquisadores da educação de surdos. É uma honra imensa aprender e construir conhecimentos com pessoas tão maravilhosas, além de outros pesquisadores ouvintes que também se interessam e defendem a comunidade surda: Tiago da Silva Ribeiro, Gilcinei Teodoro Carvalho, Wanderson Samuel Moraes de Souza e Willian Velozo Francioni.

Quando pensei em um tema para meu TCC, agora já finalizando o curso em Pedagogia não me restaram dúvidas: era preciso falar sobre acesso linguístico, era preciso falar sobre a inserção da Libras em diferentes espaços sociais, era preciso debater sobre a dominação que impera no campo científico. É por este motivo que, no terceiro ano do Doutorado em Educação, finalizo a licenciatura feliz, orgulhosa e certa de que estamos vivendo um período de avanço educacional e quebra de estigmas e paradigmas. É pelo o que espero, luto e faço votos.

INTRODUÇÃO

“Aprender a dizer a sua palavra”.
Ernani Maria Fiorini (2019)

Ao prefaciando o livro *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, em edição lançada pela editora Paz e Terra em 2019, Fiorini (2019) abre sua explanação com a frase que epigrafa nosso artigo, remetendo-se à palavra dos oprimidos, sufocada por uma dita pedagogia dominante. Parafraseando essa autora, lançamo-nos por uma compreensão do surdo envolvido em pedagogias que não são feitas *sobre, para* ou que emana *deles*, mas sim, de uma maioria ouvinte. Por essa razão, é preciso que o surdo passe a *dizer os seus sinais*, engajando-se, junto à comunidade surda¹ em uma luta por meios de expressão que lhes digam respeito, em sua língua e valorizando a sua cultura. O direito de dizer os seus sinais na produção acadêmico-científica é legítimo e permanece como uma defesa nesta exposição.

O principal objetivo deste artigo é identificar as estratégias de divulgação do conhecimento científico sobre a surdez por bases de dados de socialização científica nacionais. Buscamos uma articulação entre aspectos pertinentes à produção e à circulação de estudos produzidos *sobre, para e de* surdos no contexto brasileiro. Desde os anos 2000, é possível perceber uma maior inserção social da comunidade surda, o que não ocorre, senão por meio de muitas lutas, culminando na oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como “língua de comunicação e expressão” desta comunidade (BRASIL, 2002; 2005). A partir de então, percebemos outros avanços, relacionados, principalmente, à educação de surdos, com a obrigatoriedade e regulamentação do trabalho de tradutores e intérpretes de Libras (BRASIL, 2010) e, mais recentemente, do ensino bilíngue (português-Libras), que passa a integrar não apenas a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), mas também, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (1996; 2021).

Lembramos que a Lei n. 14.191/2021, que inclui o ensino bilíngue aos surdos em nossa LDB, preconiza, em seu artigo 78^a, a garantia de acesso a conhecimentos acadêmico-científicos na primeira língua da pessoa surda, ou seja, a Libras, conforme trecho da lei reproduzido a seguir:

¹ Cabe-nos alertar que neste artigo entendemos comunidade surda, surdos, libras e identidade surda como elementos plurais e diversificados por diferentes elementos. Não é possível descrever uma única comunidade como sendo a grande representativa do povo surdo, assim como a Libras não é a mesma em todas as circunstâncias, vide os regionalismos. Estamos lidando com pessoas socializadas em famílias de ouvintes (cerca de 90 a 95% dos surdos), oralizados e não oralizados, que aprenderam alguma língua de sinais e os que não aprenderam, que têm o português como primeira língua ou como segunda. Esperamos que o leitor se atente que apesar do uso do singular em nosso texto, este universo é plural e multifacetado.

Art. 78-A. Os sistemas de ensino, em regime de colaboração, desenvolverão programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilingue e intercultural aos estudantes surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos surdos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades e especificidades e a valorização de sua língua e cultura;

II - **garantir aos surdos o acesso às informações e conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional** e demais sociedades surdas e não surdas (BRASIL, 2021, negrito nosso).

Apesar desses avanços, é possível perceber que essa comunidade ainda é vista, em um contexto sócio-político mais amplo, como uma minoria linguística, exposta a um entendimento capacitista e dependente de atendimento clínico-terapêutico, não para que uma visão social da surdez seja construída, mas para que as pessoas surdas sejam equiparadas à maioria ouvinte. Isso inclui uma socialização tardia com a comunidade surda e, conseqüentemente, a aprendizagem tardia da Libras, predominando o ensino de português como primeira língua. Este quadro resulta na restrição comunicativa, exclusão e abandono da escolarização por muitos surdos no país (QUADROS, 2004; 2005).

Em relação à prática científica, esse contexto não é diferente: há, no campo acadêmico-científico uma predominância, inclusive, por modos de socialização científica, prioritariamente, em língua inglesa, em decorrência de fatores como a pressão por resultados, refletidos em pesquisadores e Programas de Pós-Graduação. Os debates para uma democratização da ciência nacional encontram barreiras se considerarmos avaliações e ranqueamentos estritamente quantitativos e que salientam o produtivismo, em uma relação processo-produto (CHAUÍ, 2003; FERREIRA; SANTIAGO, 2018).

Assim, considerando os pressupostos discutidos acima, lançamo-nos a campo com a seguinte questão de pesquisa: *é possível o desenvolvimento de estratégias para que a produção e a circulação do conhecimento científico se tornem mais acessíveis ou democráticas?* Nossa hipótese é a de que periódicos voltados para publicações relacionadas à surdos ou surdez podem nos oferecer pistas acerca da forma como a produção científica é ou pode ser democratizada, tornando-se mais acessível para realidades outras, considerando sujeitos que utilizam línguas minoritárias, como as de modalidade viso-espaciais. Lembramos que essa comunidade está envolta em cenários que proporcionam a colonialidade do *poder*, do *saber* e do *ser* (QUIJANO, 2005; CASTRO-GÓMEZ, 2007; CHAIBUE; AGUIAR, 2014).

Buscamos traçar alternativas para modelos de produção e circulação do conhecimento sobre a surdez, tendo em vista pressupostos como as relações de poder em torno de uma política linguística, que orienta a produção científica brasileira, em face da importância do acesso a grupos e minorias linguísticas. Centramo-nos nos periódicos indexados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que regulamenta e avalia periódicos e Programas de Pós-Graduação no país, promovendo queixas sobre a pressão em avaliações estritamente quantitativas do conhecimento (ZUIN; BIANCHETTI, 2015). Pesquisamos também as bases de socialização de trabalhos de mestrado e doutorado, enfocando as teses e dissertações produzidas *sobre, para e de* surdos. Nossos objetivos específicos se voltam a: i) Levantar publicações científicas que têm como temática principal os estudos surdos, bem como os periódicos nos quais esses trabalhos foram socializados; ii) Analisar o volume de pesquisas publicadas nos últimos 3 anos e a forma como estas são socializadas; e iii) Discutir meios de ampliação do acesso e circulação do conhecimento científico, considerando a forma como essas produções são socializadas atualmente.

O predomínio de uma língua sobre outra deixa implícita uma dada política linguística que promove a valorização das línguas orais (português, inglês), em detrimento de línguas visoespaciais e/ou minoritárias (Libras, línguas indígenas, dentre outras) (QUADROS, 2005). Esse fato implica na exclusão, restringindo o acesso aos campos científicos nas diferentes áreas do conhecimento (BOURDIEU, 2004). Oliveira (2016, p. 398) entende que, em nosso século, há possibilidades para que sejam pensadas política(s) linguística(s), em direção a um aumento das dinâmicas comunicacionais, fazendo com que as línguas sejam entendidas como recursos, “na gestão do multilinguismo e na criação de soluções plurilíngues onde antes se proponham soluções monolíngues”.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2019) lança um olhar sobre a necessidade de conscientização da própria opressão e, por meio de um trabalho coletivo, estimula que os oprimidos busquem pelo *ser mais*, tornando-se “libertos em comunhão” (FREIRE, 2019, p. 71). A restrição do acesso científico a apenas línguas orais vai de encontro às atuais políticas pela abertura de cursos superiores voltados para a educação de surdos, o que prescinde de possibilidades para que conhecimentos sejam construídos em Libras. Por essa via é possível fazer com que o surdo, na condição de subalterno, “fale”, ou melhor, sinalize (SPIVAK, 2010), promovendo o conhecimento naquela considerada pelas políticas nacionais, como sua primeira língua.

Este artigo organiza-se da seguinte maneira: inicialmente debatemos sobre a forma como as pesquisas brasileiras têm sido desenvolvidas, considerando uma maior inserção da

comunidade surda no Ensino Superior; a seguir, apresentamos nossa metodologia para a busca de trabalhos científicos que enfocam a comunidade surda; após, debatemos os dados encontrados, estabelecendo uma relação sobre a forma como os periódicos mais voltados para publicações *sobre, para e de* surdos estão organizados, face a forma como dois cursos de licenciatura em Letras-Libras orientam a escrita de seus TCCs; e, posteriormente, tecemos algumas considerações sobre os aspectos discutidos, articulando a língua, a identidade e a cultura surda em uma esfera discursiva decolonial.

1 INCLUSÃO OU EXCLUSÃO? A SOCIALIZAÇÃO DE PESQUISAS *SOBRE, PARA E DE* SURDOS NO BRASIL

Destacamos neste tópico que, apesar de haver uma vasta produção acerca de críticas em relação à forma como o conhecimento científico tem sido produzido, avaliado e circulado, as dificuldades apontadas por esses estudos parecem distantes de uma dada resolução em curto prazo. A maioria destes autores abordam a importância e a necessidade de uma ciência que seja avaliada, por aspectos qualitativos, em detrimento de fatores quantitativos e, para isso, seria necessária uma drástica redução das pressões por resultados impostas por órgãos de fomento da pesquisa no país. Há, além da grande pressão pela produção, uma pressão direcionada a publicações, principalmente em língua inglesa, tendo em vista a capacidade de disseminação do conhecimento científico, em decorrência da socialização de resultados em periódicos internacionalizados. Em meio a isso, línguas como a Libras permanecem na marginalidade em diferentes esferas sociais (MAHER, 1997; MEGALE, 2018), o que elenca essa língua em uma posição contrária ao que as Lei 13.146/2015 e Lei n. 14.191/2021 estabelecem. Os periódicos de divulgação científica permanecem operando *online*, como se ainda se tratassem de publicações impressas (RIBEIRO, 2021).

Tendo como principal objetivo levantar a existência de publicações que se afinam com os objetivos propostos para este trabalho, lançamo-nos na pesquisa por produções acadêmico-científicas que tematizassem a divulgação científica e seu acesso a pessoas surdas. Nossa busca revelou que são crescentes os trabalhos que demonstram a criação de novos sinais para a Libras, que contemplem alguma área do conhecimento, como Economia, ou Biologia, por exemplo. O fato evidencia uma sensibilização pelo entendimento da Libras enquanto língua em desenvolvimento, móvel e cultural e, ao mesmo tempo, ressalta a importância de inclusão dos surdos em debates e disciplinas mais específicas. Isso, conforme uma hipótese por nós desenvolvida, pode ajudar a explicar o aumento de surdos na educação superior.

Alguns estudos, como a dissertação de Lara (2014), que aborda a predominância do uso da internet e meios digitais para a divulgação das pesquisas, tendo em vista a gratuidade deste acesso, estimulam que os recursos digitais sejam utilizados para a produção de vídeos em Libras, o que auxilia a propagação de conhecimentos desta que é uma língua visual. Contudo, tais textos são disponibilizados, em sua maioria, em português escrito, o que os transforma, em muitos casos, em meios excludentes de compartilhamento dos conhecimentos, por não oferecerem alternativas em outras línguas, como a Libras. Conforme aponta, da maneira como é socializada, a produção científica se destina a apenas determinada parcela da população, fazendo com que poucos surdos realmente tenham contato com os trabalhos, alcançando esferas

mais elevadas do ensino como os cursos de Graduação e Pós-Graduação. Ao mesmo tempo, os recursos largamente utilizados, como legendas geradas automaticamente em português e tradutores automáticos de Libras, são considerados pela autora como ineficientes, fato que enseja a importância do debate junto à comunidade surda sobre os sentidos produzidos no contato com esse tipo de mediação. Ou seja, a política de acesso aberto e livre promovida em nosso país, na verdade, não é direcionada a todos os possíveis usuários.

Abordando como as divulgações podem se tornar mais acessíveis e democráticas, a pesquisa de Correa, Gomes e Ribeiro (2017) sugere que a produção de infográficos poderia se relacionar a vídeos que traduzissem conteúdos a usuários surdos, acessados por meio de *QR-Code*. Este código poderia direcionar interessados surdos a um aprofundamento de informações divulgadas, por meio de vídeos em Libras, possibilitando a inclusão tecnológica das pessoas surdas. Conforme apontam, apenas a presença de infográficos, que já resumem informações, por exemplo, não seria o suficiente para que o potencial viso-espacial de surdos fosse aproveitado. O estudo demonstra que a presença do português, em um infográfico analisado, proporciona uma diminuição na compreensão da mensagem em relação ao conteúdo não-verbal exposto. Assim, em concordância com Correa, Gomes e Ribeiro (2017), entendemos que a presença de vídeos que buscassem uma interpretação de estudos científicos para a Libras, veiculados em periódicos nacionais, poderia proporcionar este efeito de sentido, facilitando a compreensão e interesse.

Em outro estudo, Sá, Francisco e Bourguignon (2021) também abordam o uso da tecnologia, mas como um apoio ao ensino. Essa parece ser ainda uma tendência dos estudos que buscam a criação de glossários e também a produção de conhecimentos, principalmente nos contextos da Graduação e Pós-Graduação. Nessa pesquisa, os autores utilizam-se de imagens, vídeos, textos e demais materiais acessíveis na internet para a integração entre os professores e a comunidade acadêmica como um todo. Esses autores desenvolvem um recurso bilíngue (português-Libras) para a abordagem de conteúdos relacionados à Biotecnologia. Contudo, como ressaltam no fragmento abaixo, é importante que, para além de materiais, o ensino de Libras como L1 de surdos seja largamente oferecido, bem como a formação de professores capazes de articular oportunidades de ensino e interação, tendo como foco principal a inclusão do surdo e a democratização do ensino:

A estratégia de apresentar esse material bilíngue para alcançar os surdos estimula a ampliação do léxico em Libras na área de ciências e biotecnologia para garantir a acessibilidade, bem como, necessidade latente do REA em ambientes AVA sobre criação de aulas, (re)utilização de materiais e gestão de cursos com atividades e

recursos como ferramentas do moodle pela interação dos participantes (SÁ; FRANCISCO; BOURGUIGNON, 2021, p. 72138).

Na contramão da inclusão, percebemos situações em que a colonialidade e subalternidade se estabelecem. Quijano (2005) afirma que a *Colonialidade do Poder* ocorre por meio de critérios de classificação social baseados, em sua maioria, na raça. Contudo, no caso dos surdos, que não necessariamente podem ser classificados pela cor de sua pele, há que se considerar que a classificação ocorrida aqui diz respeito aos critérios *normal/anormal* com o estabelecimento de uma dicotomia *ouvinte-surdo*, na qual aquele que não ouve é alguém em quem falta alguma coisa e, não raro, deve ser ‘adequado’ ao padrão de normalidade da sociedade majoritária ouvinte. Por isso há uma campanha massiva, iniciada com o Congresso de Milão, em 1880, para que as línguas de sinais sejam abolidas e o surdo se torne ouvinte, ou ao menos se aproprie mais dos preceitos ouvintes para ser inserido na sociedade (usando aparelhos auditivos, implante coclear, sendo oralizado, aprendendo a leitura labial, aprendendo a escrita em português e utilizando-se da escrita, quando necessitar de algum atendimento, dentre outros meios).

Nessa esfera, a colonização da pessoa surda ocorre ao longo de um processo pela desvalorização da Libras (vide memes sobre as expressões faciais dos intérpretes que acompanham políticos e as famosas *lives* de cantores famosos na internet), mas não apenas isso. Há um processo de dominação da identidade das pessoas surdas, que são colocadas em uma posição hierárquica inferior em relação aos ouvintes. *Ouvinte-surdo*, seria uma das categorias binárias descritas por Walsh (2009) que faz predominar a colonialidade do ser. Defendemos que a produção de estudos e conhecimentos *sobre, para e de* surdos, sem que estes sejam realizados, legitimamente, em sua língua, corrobora para que a colonização e o distanciamento ao conhecimento persistam.

Fundamentamo-nos na máxima *nada sobre nós sem nós*, considerado o lema das pessoas com deficiência, que enfatiza que estudos, políticas e demais medidas que se voltam para as pessoas com alguma deficiência ou diferença, que destoe da normatividade, deva ser debatida junto a essas pessoas. Não se pode falar de alguém e excluí-lo desse debate. Não se pode promover estudos sobre a comunidade surda, pensar políticas que podem ou não a beneficiar, se a comunidade não é chamada ao debate. Mais especificamente, espera-se que esse debate, como uma forma de inclusão expressa, desenvolva-se em sua língua, considerando a sua cultura e sua história de luta por reconhecimento e valorização. É preciso que a Libras figure nos espaços formativos, tal como a língua portuguesa tem figurado, para que possamos promover espaços de debates amplos em prol da melhoria do acesso e da educação.

A lógica aristotélica afirmava que a audição era relacionada à inteligência e ao conhecimento. Os surdos, estariam, então, alheios à razão. Mais tarde, a Igreja, em um momento de expansão de seus dogmas, pregava que a surdez seria um empecilho para a reprodução da fé cristã, já que os ouvidos seriam “as portas para a palavra de Deus”. Curiosamente, se desenvolvem nos mosteiros os primeiros ensinamentos na direção da formulação de línguas de sinais, com os frades que realizaram voto de silêncio, mas que mantinham alguma comunicação por gestos. Faz-se importante lembrar que crianças surdas foram condenadas à morte, queimadas na fogueira da inquisição, abandonadas, presas e escravizadas, como soluções naturais e aceitáveis em outros tempos.

Diante a um cenário com tamanha violência e dominação, a comunidade surda luta, alcançando legislações que lhe oferecem garantias quanto ao acesso à sua língua. Contudo, mesmo com a legislação vigente, é possível perceber a presença de práticas de dominação e imposição da língua portuguesa, o que restringe o acesso à população surda a diferentes instâncias. Conforme evidencia o fragmento a seguir e reiteram os autores que abordam a presença de uma pedagogia decolonial (WALSH; OLIVEIRA; CANDAU, 2018), é preciso que os modos de acesso à produção científica no país sejam, realmente, instrumentos de acesso:

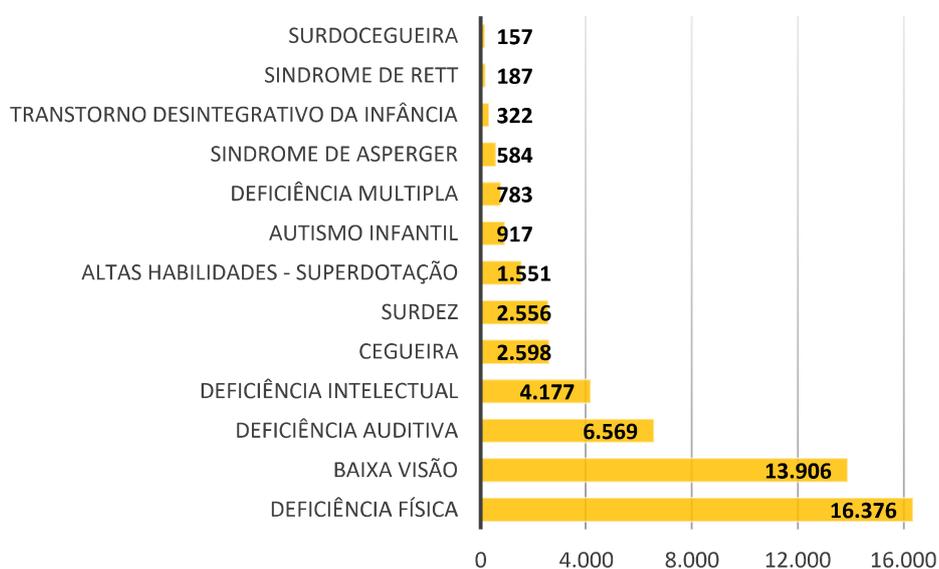
Elaborar meios de acesso ao conhecimento científico que sejam acessíveis é uma forma de promover a inclusão de todos os interessados, de permitir que estudantes e pesquisadores que possuam algum tipo de especificidade possam participar de forma menos dificultada da comunidade científica. É promover o real sentido da palavra acesso, de forma que qualquer pessoa conectada à Internet possa fazer uso do conhecimento produzido (LARA, 2014, p. 10).

Além disso, é preciso que tenhamos em mente que nossas pesquisas possuem um direcionamento, como já aborda a autora Soares (2001), por exemplo. Há um grande volume de pesquisas socializadas, que se destinam, de alguma forma, à comunidade surda. Contudo, questionamo-nos: essas pesquisas estão realmente alcançando essa população e transformando suas realidades? Como afirma Lara (2014, p. 80), é imprescindível pensar: “para quem estou pesquisando”, “para quem estou produzindo” e assim possibilitar que o acesso aos seus conhecimentos estejam engajados com a sociedade, a grande subsidiadora da ciência”. Ou seja, estamos realmente trazendo para o debate as pessoas surdas e suas necessidades? Se considerarmos que o sistema educativo (QUADROS, 2005), bem como a ciência tem sido divulgada, prioritariamente em línguas orais, é possível antecipar que essa resposta é negativa.

Entendemos que pensar em meios para a democratização do acesso ao conhecimento científico seja essencial, principalmente em um contexto no qual a comunidade surda tem alcançado maior inserção em nossa sociedade. Nosso objetivo, com a exposição apresentada

acima é abordar também o crescente aumento de pessoas surdas no Ensino Superior, o que pressupõe a importância de políticas pautadas na inclusão destes, reconhecendo e respeitando as Leis já emanadas em nosso país. Conforme o Censo da Educação Superior, divulgado em 2019, em 10 anos (2009 a 2019), o número de matrículas de estudantes que relataram alguma deficiência aumentou de 20.530 para 48.520. Deste total, cerca de 6.569 se declarou como pessoa com deficiência auditiva, 2.556 se declarou como surdo e 157 se declarou como surdo-cego (BRASIL, 2019). O gráfico 01 expressa esse dado:

Gráfico 1: Matrículas de alunos com alguma deficiência no Ensino Superior em 2019



Fonte: Censo da Educação Superior (BRASIL, 2019)

Podemos perceber, com base no aumento do acesso da comunidade surda ao Ensino Superior, que essa inserção pressupõe não apenas a contratação e presença de tradutores e intérpretes capacitados, bem como, a adoção de metodologias mais voltadas à forma como o surdo vê e interpreta o mundo. É imprescindível, que lhe seja permitida a utilização de sua língua, não apenas durante as aulas e demais atividades acadêmicas, mas também no acesso e na produção do conhecimento científico, que se desenvolve nos TCCs dos cursos, por exemplo. Não devemos nos esquecer de que esses alunos serão autores de monografias, dissertações e também teses. Lembramos que ainda são escassos os trabalhos de finalização de curso em Libras, mesmo aqueles produzidos por autores surdos. Inferimos que as regulamentações dos cursos no Ensino Superior também condicionam a produção de trabalhos finais em língua portuguesa, no caso brasileiro, não proporcionando outras possibilidades. Freitas e Eulálio (2020) ressaltam, inclusive, a importância de uma ‘universidade bilíngue’ que, de fato, inclu

alunos surdos, capacitando-os para a produção científica, já que essa é uma atividade muito cobrada no ambiente universitário. A seguir apresentamos nossa metodologia de pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS PARA A COLETA E A ANÁLISE DE DADOS

Discutiremos neste capítulo os pressupostos básicos necessários para a coleta dos dados para a realização de nosso debate sobre a efetividade de ações que busquem uma democratização do acesso e disseminação do conhecimento científico à comunidade surda, considerando divulgações em línguas minoritárias, como a Libras. Para tanto, lançamos mão da Análise do Discurso (AD) para compreender a forma como os periódicos organizam o conhecimento em suas plataformas, priorizando determinadas línguas, em detrimento de outras, ou considerando a Libras em seu processo de divulgação.

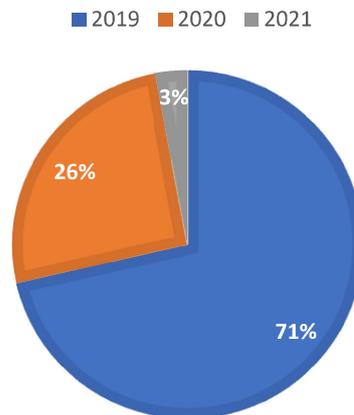
Entendemos que a AD está fundamentada em um contexto situacional sócio-histórico, que tem como principal objetivo o entendimento de como a linguagem opera em diferentes contextos. Assim, defendemos que a forma como os periódicos voltados para publicações relacionadas à surdez segue determinado padrão de divulgação, que corresponde à forma como a ciência tem sido compreendida nos tempos atuais. Devemos considerar que o discurso não se produz apenas de forma oral, mas também de forma escrita e imagética, por diversas estratégias multissemióticas (BLOOME, *et al.*, 2005).

Essa se trata de uma pesquisa de cunho qualitativo, que pretende investigar periódicos *online* brasileiros especializados na publicação de trabalhos que abordem a temática da surdez, direcionando-se, especificamente, à comunidade surda. Articulamo-nos na pesquisa documental e análise de imagens, que destacam a forma como esses discursos são produzidos e divulgados para a comunidade surda. Os dados coletados são organizados por meio de quadros, gráficos e tabelas, proporcionando maior visualidade.

Lançamo-nos nas principais plataformas de divulgação científica brasileira CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com os descritores “educação de surdos”, “ensino bilíngue” e “Libras”, presentes no título das produções publicadas no Brasil e com o recorte temporal definido entre 2019 e 2021. Este recorte temporal está considerando, inclusive, que o período pandêmico poderia promover uma maior *virtualização* das pesquisas, face ao aumento da utilização de novas tecnologias, diversificando os meios pelos quais o conhecimento é produzido e distribuindo, principalmente quando o público-alvo é uma comunidade que se diferencia linguisticamente. A busca no portal BDTD ocorreu no mês de setembro de 2021 e evidenciou cerca de 35 trabalhos, compreendidos entre teses (26%) e dissertações (71%), defendidos entre os anos 2019 e 2021.

O gráfico 02 ilustra o volume de trabalhos encontrados nesta plataforma, em relação ao ano de publicação, ressaltando a predominância de estudos produzidos no ano de 2019, em detrimento de publicações mais recentes:

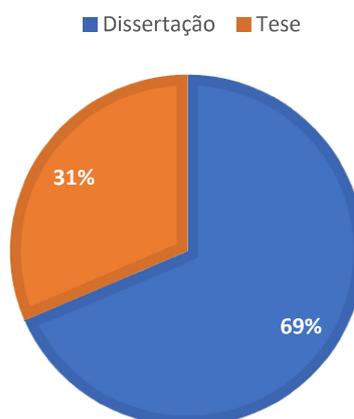
Gráfico 2: Publicações BDTD (2019-2021)



Fonte: dados da pesquisa

Outro dado importante sumarizado no gráfico 03 é a natureza dos trabalhos socializados na plataforma BDTD. A maioria deles se tratam de dissertações, provenientes de cursos de Pós-Graduação, nível mestrado, realizadas no país. Esse dado demonstra, ao mesmo tempo, a escassez de trabalhos em nível de doutorado, mas pode ensejar um aumento gradual destes caso os autores das dissertações se lançarem para níveis mais avançados como o doutorado mais tarde.

Gráfico 3: Publicações BDTD por natureza do trabalho

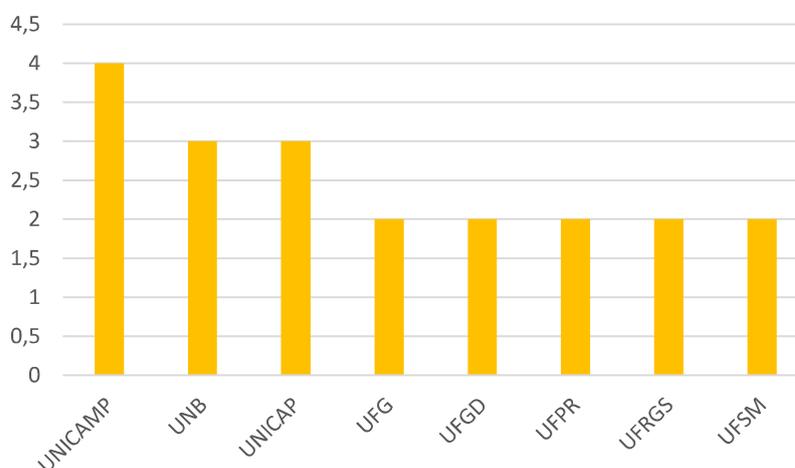


Fonte: dados da pesquisa

Finalmente, o gráfico 04 destaca as instituições de Ensino Superior que mais produziram trabalhos *sobre, para e de* surdos, em valores quantitativos. Essas instituições são a

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de Brasília (UNB) e Universidade Católica De Pernambuco (UNICAP).

Gráfico 4: Instituições de Ensino Superior que mais produziram trabalhos *sobre, para e de surdos*

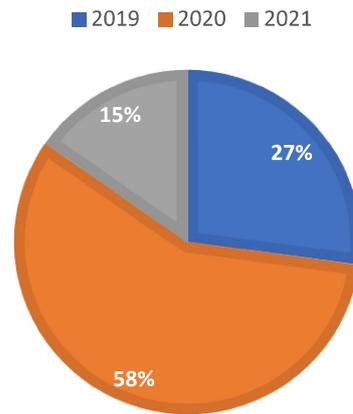


Fonte: dados da pesquisa

Além da busca na base de dados BDTD, voltamo-nos para os portais de periódicos, investigando o portal de periódicos CAPES. Utilizamos os mesmos descritores nesta nova busca, selecionando as divulgações socializadas em periódicos revistados por pares. Encontramos 61 resultados, mas obtivemos acesso apenas a 59 trabalhos publicados em diferentes periódicos, entre os anos 2019 e 2021. Esses estudos tiveram, em geral, como objetivos principais abordar estratégias para a inclusão social de estudantes surdos.

Apesar dessa diversidade e preocupação na busca por soluções para a diferença linguística, nenhum dos artigos consultados foi publicado em uma versão em vídeo para a Libras e, desses 59, em oito foi possível encontrar, além da versão em língua portuguesa, a versão correspondente em língua inglesa. A seguir representamos graficamente as publicações em periódicos vinculados à plataforma CAPES entre 2019 e 2021:

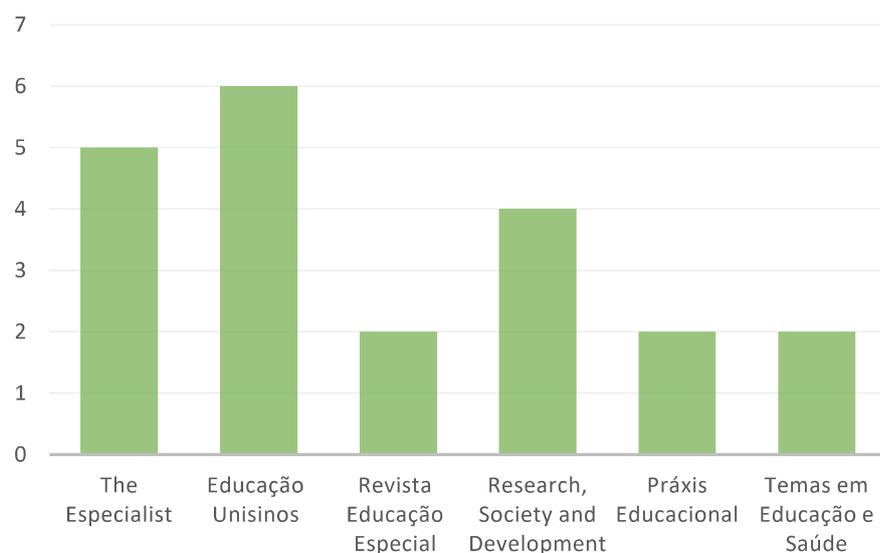
Gráfico 5: Publicações CAPES periódicos (2019-2021)



Fonte: dados da pesquisa

Lançamo-nos na busca por uma recorrência, dentre as publicações encontradas no portal CAPES, em revistas. Conforme pode ser visto no gráfico 06, alguns periódicos publicaram um número considerável de estudos sobre a educação de surdos para o período estabelecido. São elas: Revista *The Specialist* (5 publicações), Revista de Educação da Unisinos (6 publicações), Revista de Educação Especial (2 publicações), Revista *Research, Society and Development* (4 publicações), Revista *Práxis Educacional* (2 publicações) e Revista *Temas em Educação e Saúde* (2 publicações). Os demais periódicos publicaram apenas um estudo por periódico no período e, por isso, não estão representados neste espaço.

Gráfico 6: Revistas com publicações recorrentes



Fonte: dados da pesquisa

Cabe salientar que, assim como na plataforma BDTD, a plataforma de periódicos da CAPES também não nos notificou sobre nenhum estudo que fosse divulgado em línguas visoespaciais como a Libras, centrando-se apenas em publicações em língua portuguesa e inglesa. Reconhecemos que alguns periódicos realizam essa divulgação, mas não aparecem com indexação a plataformas como a CAPES, o que torna seu acesso dificultoso.

Apesar de reconhecermos que esse tipo de divulgação em vídeo não ser uma constante, passamos a analisar alguns periódicos e um *ebook* que, conforme nosso conhecimento, estariam realizando algumas ações neste sentido. Além disso, ocupamo-nos da análise dos regimentos de duas licenciaturas em Letras-Libras, cursos com fundação recente em nosso país (2006) e que se propõem a um ensino mais focado nas necessidades da comunidade surda. Para a análise destes regimentos, centramo-nos nas orientações para a produção dos TCCs. Nossas indagações estão dispostas no próximo capítulo.

3 PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: COMO SÃO SOCIALIZADAS AS PESQUISAS SOBRE A EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL?

Conforme antecipamos no capítulo metodológico deste trabalho, as pesquisas mais atuais que enfocam a educação de surdos no Brasil têm sido divulgadas em língua portuguesa escrita, ou língua inglesa (em menor número), apenas em suporte PDF. Ou seja, a produção de conhecimento sobre a comunidade surda em artigos científicos, teses e dissertações tem ocorrido, unicamente, em línguas orais-auditivas, de forma escrita. Esse tipo de divulgação exclui do acesso surdos sinalizantes não bilingues. Tendo em vista essa constatação, lançamos em uma pesquisa mais centrada em bases que, conforme sabemos previamente, são destinadas à formação ou divulgação de trabalhos mais direcionados a essa comunidade. Nosso objetivo foi compreender como o acesso ao conhecimento é disponibilizado para surdos em *sites* de periódicos ou cursos mais focados na atuação com a comunidade surda. Este capítulo é dividido em duas partes: primeiro apresentamos nossa pesquisa em periódicos e, em seguida, debatemos as informações encontradas sobre os trabalhos de conclusão de cursos de Letras-Libras.

3.1 Divulgação científica em periódicos *sobre, para e de* surdos

Sabedores da existência de alguns periódicos científicos mais voltados para pesquisas e socialização relacionados diretamente à comunidade surda, tentamos compreender como é divulgado o conhecimento nesses portais. Consultamos as revistas vinculadas ao portal de periódicos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Nesse espaço, é possível acessar três periódicos relacionados ao Instituto: Revista Arqueiro, Revista Fórum e Revista Espaço. O acesso para as respectivas revistas é disponibilizado no portal do INES², conforme a imagem a seguir:

² Disponível em: <http://seer.ines.gov.br/>. Acesso em: 07 abr. 2022.

Figura 1: Periódicos vinculados ao INES



Revista Arqueiro
 INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Revista Arqueiro
 O Arqueiro tem como objetivo a divulgação de trabalhos que relate a experiência prática desenvolvida no dia-a-dia por profissionais ligados a área da educação de surdos e/ou afins, visando o intercâmbio de ações e ampliando conhecimentos.

[Acessar revista](#) [Edição Atual](#)

REVISTA FORUM
 INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Revista Forum
 Revista Forum é uma publicação bilingue (Libras e Português) do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES para comunicação de trabalhos inéditos de autores brasileiros e estrangeiros que discutam, especificamente, a temática da educação de surdos em suas múltiplas interfaces.

[Acessar revista](#) [Edição Atual](#)

REVISTA ESPAÇO
 PERIÓDICO ACADÊMICO-CIENTÍFICO DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Revista Espaço
 A Revista Espaço é uma publicação semestral do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES tendo iniciado sua trajetória em 1990. É publicada de forma impressa e on-line, organizada em dossiês temáticos e aceitando também artigos de demanda contínua.

[Acessar revista](#) [Edição Atual](#)

Fonte: Instituto Nacional de Educação de Surdos

Destes três periódicos, apenas a Revista Fórum possibilita a publicação de vídeos em Libras, além da socialização científica em suporte PDF, escrito em língua portuguesa. Contudo, conforme determina as diretrizes para a publicação de vídeos em Libras, esse envio não é obrigatório³. Na edição mais atual da referida revista, por exemplo, publicada em dezembro de 2018, dentre os cerca de 28 trabalhos publicados, apenas três deles aparecem com a versão em Libras. Um deles é o editorial e os outros dois são artigos. Pensamos inicialmente que esse periódico tivesse sido descontinuado, mas segundo informações no site, a publicação mais recente está apenas atrasada, em decorrência dos reflexos da pandemia na produção científica no país.

Por sua vez, a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras da Universidade Federal de Santa Catarina⁴ é composta, unicamente, por publicações em Libras, expostas em vídeos. Sua última edição foi publicada em 2020 e apresenta três trabalhos. A revista publicou edições

³ As informações para a composição do vídeo em Libras podem ser acessadas pelo link: <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/video-em-libras>. Acesso em: 20 set. 2021.

⁴ Disponível em: <https://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/publicacoes/>. Acesso em: 20 set. 2021.

nos anos 2013, 2016, 2017 e 2019. Salientamos que as outras seções da revista, principalmente os informes sobre como submeter trabalhos ao periódico também estão apresentados em Libras.

Figura 2: Interface de artigos da Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras da UFSC



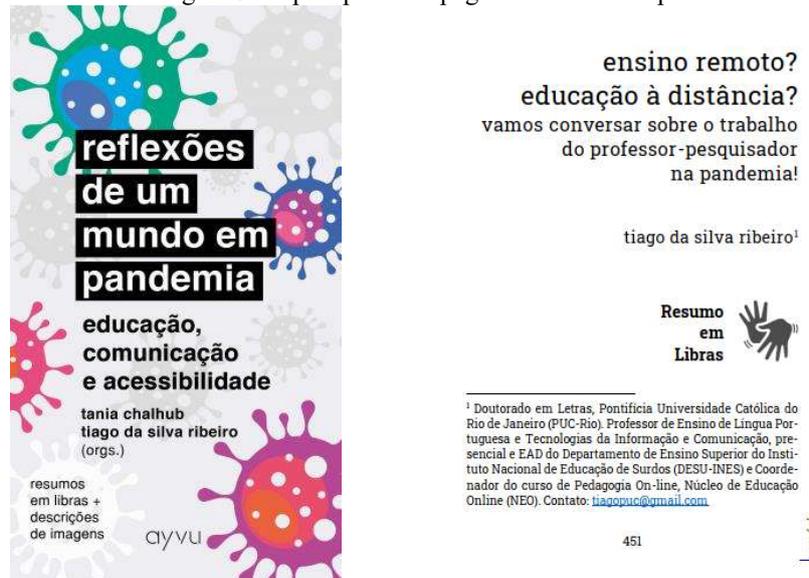
Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina

Outro exemplo é o *ebook* publicado recentemente pela editora Ayvu em 2020, disponível gratuitamente no site da editora⁵. Conforme apontam os organizadores Tânia Chalhub e Tiago Ribeiro, uma preocupação foi torná-lo acessível, para além da disponibilização *online*. Assim, o *layout* foi ampliado, tendo em vista uma melhor visualização por pessoas com baixa visão e com a descrição detalhada das imagens que aparecem na obra, para pessoas cegas. Os resumos de cada texto foram disponibilizados em Libras. Há na própria obra, recursos que possibilitam que, com um *clic*, seja aberto um vídeo no qual há um intérprete apresentando o conteúdo do resumo.

Apresentamos a capa do *ebook* e a primeira página de um dos capítulos, destacando a possibilidade do acesso do conteúdo em Libras na opção “Resumo em Libras”:

⁵ Disponível em: http://bit.ly/reflexoes_de_um_mundo_em_pandemia. Acesso em: 07 abr. 2022.

Figura 3: Capa e primeira página de um dos capítulos



Fonte: Chalhub e Ribeiro (2020)

A seguir, a próxima imagem ilustra a interpretação do resumo do texto de Tiago Ribeiro em Libras. Os vídeos estão disponibilizados no canal da editora no *Youtube*, com *link* direto do *ebook* para o canal⁶:

Figura 4: Resumo do capítulo de Tiago Ribeiro interpretado em Libras



Fonte: Chalhub e Ribeiro (2020)

São ainda incipientes as ações que buscam maior integração na divulgação científica em outras línguas de modalidades distintas às viso-espaciais. Mas, trabalhos como o último *ebook* nos acendem uma esperança para que novas formas de compartilhamento científico sejam pensadas. A presença do resumo em Libras auxilia na contextualização geral, situando a

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ukrjkdSNn6E&ab_channel=ayvueditora. Acesso em: 09 nov. 2021.

temática do texto, o que pode ensejar interesse pela leitura integral, mas em língua portuguesa. A seguir passamos a analisar dois cursos superiores de Letras-Libras e as regras para o desenvolvimento e socialização de seus trabalhos de conclusão.

3.2 Divulgação científica em trabalhos de conclusão de cursos superiores em Libras *sobre, para e de* surdos

Abordamos nesta seção análises sobre as orientações para a produção e divulgação de trabalhos de conclusão de curso em duas licenciaturas em Letras-Libras. Nosso país tem passado por uma reformulação histórica no processo de Ensino da Graduação, movimento fortemente refletido pelas mudanças em nossa sociedade. Esse engajamento maior da comunidade surda pela valorização de sua língua vem alcançando resultados traduzidos na criação dos cursos de Letras-Libras e Pedagogia-Libras. Esses cursos estão articulados com a política pautada na educação bilíngue de surdos, entendendo a necessidade da formação de professores surdos para atuarem na Educação Infantil e Ensino Fundamental. A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é pioneira na implantação dessa modalidade, iniciando em 2006 a primeira turma de alunos na instituição.

Encontramos no site do Repositório Institucional da UFSC, a socialização dos resumos dos TCCs em Letras-Libras na modalidade viso-espacial⁷, conforme a imagem a seguir:

Figura 5: Repositório Institucional da UFSC

The image shows a screenshot of the UFSC Institutional Repository interface. On the left, there is a sidebar with navigation options like 'Buscar DSpace', 'Navegar', 'Minha conta', 'Estatística', and 'Compartilhar'. The main content area displays the title 'Interpretação simultânea de libras para português: efeitos de modalidade.' by Suzany Marques Haddad Lima, supervised by João Paulo Ampessam. Below the title, there is a video player with a play button and a progress bar. The video player shows '0:00 / 48:03' and the text 'EAD Letras Libras' and 'Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Libras'. Below the video player, there is a metadata table with the following information:

Título:	Interpretação simultânea de libras para português: efeitos de modalidade.		
Autor:	Lima, Suzany Marques Haddad		
URI:	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219822		
Data:	2020-12-05		

Below the metadata table, there is a table with the following columns: Arquivos, Tamanho, Formato, and Visualização. The table contains one row with the following data:

Arquivos	Tamanho	Formato	Visualização
TCC_Suzany_Lima.mpd	556.3Mb	MPEG-4 video	Visualizar/Abriu

At the bottom of the page, it says 'Este item aparece na(s) seguinte(s) coleção(s)' followed by a list containing 'TCCs 2020 [29]'.

Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina

⁷ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/219822>. Acesso em: 20 set. 2021.

Esse curso foi definido por Quadros (2009) como “um curso surdo”, uma vez que ele seria pautado na inclusão do surdo, com a instrução em Libras e focado nas experiências visuais. Na primeira turma foram selecionados 500 estudantes em todo o país, 447 surdos e 53 ouvintes bilíngues, distribuídos em nove Estados. Mas, vejamos como o regimento do curso orienta a feitura dos trabalhos de conclusão de curso. No item “da execução, defesa e avaliação do TCC”, em seu artigo 13º, o documento orienta quanto à escrita do trabalho:

O TCC deverá ter de 20 a 50 páginas (da introdução à conclusão), excluídas as páginas de elementos pré-textuais e pós-textuais. O trabalho deverá conter, obrigatoriamente, um resumo em português e Libras seguido de palavras-chave e, opcionalmente, um resumo em outra língua seguido de palavras-chave nessa língua.

Parágrafo único - **É opcional para o aluno fazer a tradução do TCC do Português para a Libras** (UFSC, 2018, p. 4, negrito nosso).

A resolução que busca orientar a forma como os TCCs devem ser produzidos orienta que eles sejam escritos trabalhos com até 50 páginas (em língua portuguesa), com o resumo em Libras. A tradução do TCC para a Libras é opcional. Não nos cabe discutir a função da palavra “tradução”, que denota que originalmente esses textos devem ser escritos em uma língua considerada como a segunda língua da comunidade surda (BRASIL, 2002), apenas salientamos o fato: há uma prerrogativa que os resumos sejam enviados em Libras, mas, quanto à tradução do TCC completamente, essa regra se torna opcional.

Em outra instituição, a Universidade Federal do Paraná (UFPR), as orientações sobre a formulação do TCC já são mais abrangentes. É possível escrever o trabalho em língua portuguesa, apresentando um resumo em Libras; ou desenvolver o trabalho em Libras, apresentando um resumo em língua portuguesa (UFPR, 2018). No site é possível visualizar os trabalhos produzidos pela turma concluinte em 2018. Há três monografias com a indicação ‘recurso eletrônico’ de um total de 14 publicações. A seguir apresentamos como exemplo, a tela que mostra o texto do trabalho, com um breve resumo em língua portuguesa e a tela que se abre, ante a seleção da opção de visualização em vídeo⁸:

⁸ Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/59016>. Acesso em: 09 nov. 2021.

Figura 6: Socialização dos TCCs em Libras pela UFPR

Tradução e letramento acadêmico : uma proposta metodológica do processo tradutório do par linguístico língua portuguesa/libras

No Thumbnail

Visualizar/Abriu

- TCC JONATAS MEDEIROS_deposito legal 13-02-2019.pdf (436.7Kb)
- Resumo em Libras TCC Jonatas Medeiros (1).mp4 (23.49Mb)

Data
2018

Autor
Medeiros, Jonatas Rodrigues, 1992-

Resumo: O atual contexto da política de educação inclusiva no ensino superior resultou em significativo aumento da presença das pessoas surdas nos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na UFPR, a perspectiva educacional bilíngue em curso aponta o tradutor intérprete de Libras como um dos protagonistas na implementação do processo de inclusão, por meio de ações de acessibilidade linguística implicadas nas atividades (extra)curriculares que desempenha na universidade. Nesse cenário, a presente pesquisa tem como objetivo geral contribuir com a proposição de uma metodologia específica para tradução e produção de materiais bilíngues como apoio à inclusão da comunidade surda acadêmica da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na Revisão de Literatura percorremos o campo da Análise Textual em Tradução (NORD, 2016), os Estudos de Gêneros Textuais (MARCUSCHI, 2002, 2003) e as pesquisas em Letramento Bilíngue para Surdos (FERNANDES, 2003, 2006). A pesquisa de abordagem qualitativa descreve etapas do processo tradutório, apresentando os procedimentos metodológicos adotados na tradução de um artigo científico em português traduzido para a língua brasileira de sinais (Libras) no suporte vídeo: compreensão e internalização do texto-fonte, análise crítica pré-tradutória e materialização do processo tradutório. O processo metodológico adotado na tradução prioriza recursos semióticos de composição, verbais e não-verbais, na produção da



Fonte: Universidade Federal do Paraná

É preciso uma análise mais sistematizada, que nos permita estabelecer relações entre a interpretação em Libras e o material escrito. Contudo, é importante indicar que esse vídeo possui cerca de 2min e 51seg, enquanto o vídeo correspondente a uma outra pesquisa publicada no portal tem duração de 57min e 49seg. O fato nos leva a inferir que os critérios para a realização desses vídeos não são sistematizados ou suficientemente claros aos professores em formação. A seguir relacionamos nossos resultados à necessidade do protagonismo surdo na produção científica brasileira.

4 LÍNGUA CULTURA E IDENTIDADE: POR UM PROTAGONISMO SURDO DECOLONIAL E CIENTÍFICO

Após nosso breve percurso expositivo, buscamos alinhar algumas ideias considerando os atuais avanços legislativos que afetam a comunidade surda em nosso país. Como ressalta Quadros (2009), o fato de a Libras ser considerada, por meio de Lei Federal, como a língua de instrução desta comunidade significa que os conhecimentos escolares e acadêmicos devem ser oferecidos aos surdos nesta língua. Esse objetivo levou à implantação de cursos de Letras-Libras⁹ em nosso país, objetivando a formação de professores, principalmente surdos, para oferecerem esses conhecimentos nos anos iniciais e também em licenciaturas e cursos de fonoaudiologia.

O Curso de Letras Libras pretendeu levar em conta esses fatores, quando torna o surdo protagonista das ações educativas, e sua língua a mediadora de todas as aprendizagens. Essa intenção se manifesta nas práticas quando as videoconferências, as aulas presenciais, e as apresentações dos trabalhos dos alunos são em Libras. Os fóruns, e os e-mails trocados entre os estudantes, deles com os tutores, e com os professores, obedecem ao conceito bilíngue de utilizar a escrita da língua portuguesa, quando desejarem e sem a preocupação de correção formal, mas vista como veículo secundário de comunicação. Há uma inversão das práticas comunicativas, a Libras é a língua de instrução em um curso em que ela própria é estudada. O português escrito faz parte do curso, mas é considerado uma segunda língua objetivando a comunicação e acessibilidade ao mundo letrado (QUADROS, 2009, s/p).

Conforme essa autora assevera no fragmento acima, esses cursos devem considerar o protagonismo surdo em suas atividades, tendo em vista que a mediação dos conhecimentos deve ocorrer em Libras em diferentes oportunidades formativas. A língua portuguesa é vista como “um veículo secundário de comunicação”. Comunicar-se em sua língua é para o surdo um direito humano fundamental. Para além da comunicação, Lopes (2018) ressalta que a institucionalização de cursos em Letras-Libras favorece que o aluno surdo passe a produzir Ciência, transformando sua própria realidade, uma vez que a Ciência é entendida como um “motor” de desenvolvimento humano.

De acordo com Lopes (2018), o *Plano Viver sem Limites*, criado pelo Decreto 7.612/2011, institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2011), o qual estipula quatro metas, por meio das quais os cursos de Letras-Libras poderiam ser implementados no país:

⁹ Ao anunciar a implementação do curso de Letras-Libras na UFSC, o Ministério da Educação (MEC) informou em 2006 a existência de cerca de 66 mil alunos com surdez matriculados na Educação Básica, 3 mil alunos no Ensino Médio e apenas 900 no Ensino Superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/205-1349433645/5871-sp-245681699>. Acesso em: 23 out. 2021.

a) instalação de núcleos de acessibilidade, os quais seriam responsáveis pelas práticas institucionais que romperiam as barreiras arquitetônicas, pedagógicas e comunicacionais; b) oferta de 27 cursos de Letras/Libras; c) oferta de 12 cursos de formação em Pedagogia na perspectiva bilíngue (Libras/Língua Portuguesa), e d) a contratação de 690 Professores, tradutores e intérpretes de Libras (LOPES, 2018, p. 63).

Gostaríamos de salientar que não apenas os cursos de Letras-Libras foram criados a partir desse plano, mas também os cursos de Pedagogia bilíngue (português-Libras), como o curso sobre o qual é produzido este TCC, com vínculo entre o INES e 13 polos em todo o país, em cinco regiões, abrindo 30 novas vagas a cada ano desde então. Apesar de ter se iniciado um pouco mais tarde, em relação aos cursos de Letras-Libras, nosso curso, com a primeira turma formada em 2018. O INES, conforme já salientamos desenvolveu esse curso, que ocorre em modelo semipresencial, a partir do *Plano Viver sem Limites* e busca subsidiar a educação básica com professores surdos e ouvintes que sejam bilíngues para o atendimento a crianças surdas, principalmente, tendo em vista as mudanças legislativas que direcionam o reconhecimento da Libras como L1 da comunidade surda desde o nascimento, ao longo da vida.

Mas, conforme a autora ressalta, não basta que essas metas sejam seguidas para que os surdos sejam, finalmente, incluídos no Ensino Superior. O gargalo estaria, ainda, na publicação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que indica que a Libras não poderia substituir a forma escrita da língua portuguesa escrita, estabelecendo assim, uma relação de subalternidade, inclusive para a divulgação científica. Esse fato revela um outro: a maioria dos surdos em início de escolarização ainda não têm um sistema linguístico formado, seja em Libras ou língua portuguesa, passando a aprender ambas praticamente, de forma concomitante. A carência no reconhecimento da Libras “como uma língua nacional produz sentidos quanto à sua utilização: a Libras é instaurada como a língua do surdo, usada na e pela comunidade surda, cabendo apenas a uma minoria linguística” (LOPES, 2018, p. 65).

Assim, para Lopes (2018), a realidade não demonstra essa fluidez no uso da Libras em cursos como esse, que deveriam, conforme cremos, apoiar a comunidade surda na construção de conhecimentos pertinentes às suas necessidades, representando uma violência simbólica, com uma insuficiente inserção na Educação Superior. Os surdos estariam alijados a um processo que os torna “corpos obedientes, que não contestam o estabelecimento de um lugar a priori para que eles se insiram no âmbito acadêmico e que apenas se deixem instruir” (LOPES, 2018, p. 66).

Estabelecemos um adendo indicando que a cartilha criada para a divulgação do Plano Viver sem Limites estabelece, sobre a criação de cursos de Letras-Libras e Pedagogia-Libras, na perspectiva bilíngue, as seguintes metas, que deveriam ser cumpridas entre 2011 e 2014:

Quadro 1: Recorte de quadro presente na Cartilha Viver sem Limites

Educação Bilíngue	Professores, tradutores e intérpretes de Libras contratados	690
	Cursos de Letras/Libras criados	27
	Cursos de Pedagogia criados na perspectiva bilíngue	12

Fonte: Cartilha Viver sem Limites (2013, p. 12)

Gostaríamos de nos referir, ainda, ao documento *A educação que nós surdos queremos*, importante instrumento de luta pela sistematização da Lei que reconhece a Libras como a oficial do povo surdo no Brasil, elaborado e apresentado no Pré-Congresso do V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para surdos, que se realizou em Porto Alegre (RS) em 1999. Há um tópico sobre o pesquisador surdo neste documento, com itens reproduzidos a seguir:

131. Incentivar a pesquisa dos surdos, considerando que faltam pesquisadores urbanos.
132. Observar que o pesquisador surdo precisa manter parceria com o pesquisador ouvinte.
133. Considerar que os surdos pesquisadores necessitam de apoio financeiro.
134. Incentivar a que o pesquisador surdo não seja apenas usuário, precisando desenvolver sua própria pesquisa.
135. Assegurar que seja respeitada a autoria do pesquisador surdo (FENEIS, 1999, p. 14).

Entendemos que a época de formulação deste documento se refere a um momento de nossa história em que as pessoas surdas ainda não contavam com as garantias legais existentes atualmente. Mas questionamos se não seria possível uma revisão dos itens presentes neste documento, sobretudo quanto ao respeito ao pesquisador surdo. Com o aumento da inclusão de surdos no ensino superior, é possível notar que as pesquisas realizadas, em título de conclusão dos cursos, por exemplo, auxiliam no aumento da visibilidade da comunidade surda e das próprias pesquisas por eles produzidas. Hoje é possível, mesmo que de forma incipiente, encontrar surdos, realmente autores de suas investigações, em universidades públicas e com financiamento governamental. Contudo, não seria a socialização destas pesquisas em Libras e a promoção do acesso científico também em Libras um estímulo ao protagonismo do

pesquisador surdo? O aumento na contratação de intérpretes, além de ser uma política positiva, não estaria, de alguma forma, suprimindo a formação de professores bilíngues, atuantes no ensino superior?

Ao pensarmos um processo de construção científica que realmente inclua a comunidade surda, é preciso pensar também que as políticas linguísticas que embasam a produção e a circulação científicas devem trazer em seu bojo a possibilidade de acesso em Libras. Por essa razão, buscamos aporte na teoria Decolonial para enfatizar que essa comunidade não deve ser enquadrada em uma posição de subalternidade, em relação à comunidade ouvinte, passando as línguas de sinais a figurar como protagonistas na divulgação científica, mesmo que, a própria língua portuguesa esteja sendo, de forma similar, sujeita à colonialidade do poder, em face às publicações largamente citadas em um contexto de produção global que prioriza a língua inglesa (QUIJANO, 2005).

Ainda são muitas as dúvidas que permeiam sobre a forma como a divulgação científica em línguas viso-espaciais poderia ocorrer. Contudo, é uma questão de ordem favorecer o acesso por meio de ferramentas interativas e que oportunizem novas formas de circulação científica, principalmente em face a utilização de novas tecnologias, tão presentes em nosso cotidiano. Passamos às nossas considerações finais certos que esse debate é amplo e necessário, principalmente em face à criação dos cursos de Letras-Libras, que apresentam, em sua gênese, propostas claras em relação a forma como os alunos surdos devem acessar e produzir projetos e pesquisas, tornando-se protagonistas desses conhecimentos e transformadores de suas próprias realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos apontar as descobertas referentes à busca em portais de divulgação científica de estudos que poderiam se relacionar, ser produzidos ou contribuir de alguma forma com a melhoria da Educação de Surdos no país. Também procuramos por estudos em periódicos revisados por pares e trabalhos de dissertação e tese publicados entre 2019 e 2021. Nossa hipótese considera, inclusive, que o advento da Covid-19 poderia contribuir para uma socialização mais ampla dos estudos *sobre, para e de surdos*, tendo em vista o aumento da utilização de diversos recursos tecnológicos realizados neste período, sobretudo com o Ensino Remoto.

Encontramos 94 trabalhos dentre artigos, teses e dissertações e percebemos que a socialização destes materiais se dá de forma textual, em arquivos PDF e com grande predominância da língua portuguesa (oito destes trabalhos foram publicados também em língua inglesa). Destacamos que, como a Libras é uma língua reconhecida como oficial para a comunidade surda e tendo como defesa as leis que se sucederam à essa oficialização, principalmente quanto à recente inclusão da Educação Bilíngue na LDB, tais estudos deveriam ser socializados também em Libras.

Analisamos, ainda, os Discursos de periódicos reconhecidos como instrumentos de acesso e divulgação científica para a comunidade surda. Apesar de não termos encontrado trabalhos provenientes destes periódicos, com indexação à CAPES, por exemplo, eles existem. Alguns portais como a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras da UFSC, a Revista Fórum, vinculada ao INES e um *ebook* lançado em 2021 contemplam vídeos representativos dos textos de forma integral ou seu resumo em vídeo sinalizado. Por sua vez, a análise das orientações para a socialização científica de TCCs produzidos em duas licenciaturas em Letras-Libras demonstra que a gravação dos vídeos é opcional e que os estudantes têm optado, predominantemente pela publicação em língua portuguesa escrita. Nosso interesse foi compreender se nesses cursos destinados à formação bilíngue de surdos há políticas voltadas para esse tipo de divulgação.

Conforme debatemos ao longo deste trabalho, é crescente o acesso da comunidade surda ao Ensino Superior, o que se pressupõe também a realização de cursos de Pós-Graduação como Mestrado e Doutorado, principalmente. Nosso país tem sido destaque na implantação de cursos de Letras-Libras e Pedagogia-Libras, com o objetivo de expandir o acesso e as políticas de inclusão para a comunidade surda, com o oferecimento de uma educação bilíngue que se fundamente na aprendizagem de sua língua materna, a Libras, como primeira língua (L1). Nesse

sentido, não podemos deixar de notar que, mesmo com esse apelo legítimo para que o acesso se dê na L1 dos surdos, a divulgação científica continua ocorrendo em sua L2, a língua portuguesa escrita.

Na busca por produções que abordam a comunidade surda, esperávamos que subsídios fossem criados para que a socialização de textos de pesquisadores que abordam a temática, estivesse em diálogo com essa linha de pensamento. Contudo, apesar de algumas das produções terem sido realizadas por pesquisadores atuantes na área e de grande renome nacional, seus textos científicos (incluindo artigos e livros), não se encontram em Libras, mas sim em língua portuguesa, seguindo essa tendência criticada pela perspectiva decolonial de priorização de uma língua e marginalização de outra. Reconhecemos que alguns desses autores vêm ampliando seus esforços pautando as políticas nacionais de valorização desta comunidade e com vasto material em plataformas como o YouTube, compreendidos em aulas abertas e palestras. Mas não podemos deixar de comentar que, quando esses autores se lançam à escrita científica, essa não é acessível aos surdos. Salientamos ainda que as políticas de publicação dos periódicos condicionam essa submissão, mas algumas medidas podem ser tomadas como estabelecer traduções e socializar os links ao longo dos artigos, por exemplo, como buscamos fazer com este trabalho, levantando a forma como as pesquisas *sobre, para e de* surdos vem sendo divulgadas no país e defendendo a necessidade de divulgações em Libras, com vistas à ampliação do acesso ao conhecimento científico pela comunidade surda¹⁰. Não podemos esperar, enquanto pesquisadores, que, puramente, os periódicos passem a exigir versões em Libras, o que, sinceramente, não acreditamos que será realizado, sem a chancela da comunidade surda, para iniciar um movimento nessa direção.

Salientamos a inexistência de pesquisas brasileiras que se ocupam da divulgação de produções científicas em Libras, cabendo estabelecer o debate no atual cenário nacional. Contudo, algumas questões são levantadas para que novas incursões sejam delineadas. O exposto nos coloca a necessidade de trabalhos conjuntos, entre a comunidade científica (pesquisadores, periódicos, eventos acadêmicos, dentre outros) e a comunidade surda, principalmente abordando com mais ênfase a inserção do pesquisador surdo neste debate, para que a comunidade surda tenha acesso a textos científicos em sua L1. Deve haver uma pressão

¹⁰ Para além da produção de um texto escrito, mesmo que seu resumo esteja também acessível em Libras, tencionamos desenvolver uma versão deste trabalho em vídeo em Libras, para a publicação em uma das revistas brasileiras que possibilita o acesso na L1 da comunidade surda. Como uma forma de manter a coerência entre os aspectos por nós defendidos e nossas ações, enquanto pesquisadores, anunciamos que os textos derivados desta pesquisa que estão sendo ou já foram apresentados em eventos e publicados nos anais ou como capítulos de livros, já trazem uma versão, ao menos de seu resumo ou introdução em Libras. Reconhecemos que este é um trabalho complexo, mas necessário e que deve ser estimulado.

conjunta, sobretudo, para que ouvintes produzam pesquisas *sobre* surdos, para se pensar em novas formas de acesso linguístico e estímulo à representatividade e valorização da Libras no espaço científico. Além disso, os canais existentes poderiam ser investigados para que as estratégias de tradução e/ou interpretação presentes pautassem diretrizes mais sistematizadas para a produção destes vídeos, versando sobre os conteúdos essenciais e terminologias utilizadas na sinalização. As políticas linguísticas para a produção e divulgação do conhecimento científico em língua portuguesa e, por meio de pressões para a pontuação em *rankings* nacionais, a língua inglesa, não seriam um impasse para o amplo acesso e circulação do conhecimento em línguas viso-espaciais?

Outro ponto levantado é a reponsabilidade pela tradução e/ou interpretação dos manuscritos, caso os periódicos científicos e as universidades passassem a socializar largamente suas produções em Libras, haveria uma equipe especializada, contratada pelo meio de divulgação ou os pesquisadores deveriam arcar, cada um a seu modo com esse procedimento? Lembramos que a produção científica nacional se encontra em um cenário de desvalorização e descrença, provocado pelo desinvestimento de órgãos de fomento e constantes ataques aos nossos pesquisadores. Muitas são as questões que imperam quando pensamos em divulgação científica na L1 da comunidade surda. É preciso que o debate seja promovido e que estratégias passem a incluir, cada vez mais, o surdo em nossa sociedade.

Trabalhos futuros podem se voltar a análise de eventos acadêmico-científicos que trazem em seu bojo eixos de investigação ligados à Libras e a surdez, mas que se furtam, inclusive, ao oferecimento da tradução e interpretação nesta língua, para que os pesquisadores surdos possam apresentar suas pesquisas e também conhecer as pesquisas em andamento nesta e em outras temáticas. Como vimos em nossa investigação, não há ferramentas implantadas nos periódicos brasileiros que possibilitem a adoção de uma versão em Libras de seus textos, publicados em Língua Portuguesa. Assim, outras investigações poderiam lançar propostas para essa implantação, inspiradas nos poucos periódicos que já estabelecem essa divulgação, como a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras da UFSC e a Revista Fórum, por exemplo. Questionamentos futuros também podem se voltar sobre as opiniões dos pesquisadores surdos acerca da promoção da divulgação científica em Libras, com reflexões sobre a maior divulgação e acesso à língua, face às contraditórias políticas linguísticas que mantemos em nosso país, mesmo com o aumento da valorização da Libras no espaço educacional, na esfera legislativa.

REFERÊNCIAS

BLOOME, D. *et al. Discourse analysis and the study of classroom language and literacy events: A microethnographic perspective*. Mahwah, NJ: LEA. 2005.

BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução de Denise Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL. *Lei 10.436 de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 27 mar. 2021.

BRASIL. *Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1. Acesso em: 06 abr. 2021.

BRASIL. *Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010*. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112319.htm. Acesso em: 31 jul. 2021.

BRASIL. *Decreto nº 7.612 de 17 de novembro de 2011*. Institui o Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7612.htm. Acesso em: 07 mar. 2022.

BRASIL. *Cartilha viver sem limite*. Plano Nacional da Pessoa com Deficiência. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR). Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD). 2013.

BRASIL. *Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 06 abr. 2021.

BRASIL. *Censo da Educação Superior 2019*. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Apresentacao_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf. Acesso em: 02 ago. 2021.

BRASIL. *Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 2021*. 2021a. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acesso em: 25 set. 2021.

CASTRO-GÓMEZ, S. Decolonizar la universidad. La hibris del punto cero y el diálogo de saberes. In.: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. *El giro decolonial: reflexiones para*

una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 79-93, 2007.

CHAIBUE, K.; AGUIAR, T. C. A Colonialidade sobre o Surdo. Editora Arara Azul. *Revista Virtual de Cultura Surda*. Edição nº 13, 2014. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/portal/index.php/revista/edicoes-revista/edicao-14>. Acesso em: 28 mai. 2020.

CHALHUB, T.; RIBEIRO, T. da S. (orgs.). *Reflexões de um mundo em pandemia: educação, comunicação e acessibilidade*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2020. Disponível em: https://4c940ada-a8f2-4241-ab73-4171a11a5dc8.usrfiles.com/ugd/4c940a_7dd2bd65b600437aa48cd765d9bec7b4.pdf. Acesso em: 19 out. 2021.

CHAUI, M. A universidade sob uma nova perspectiva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro. N. 24, pp. 5-15. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/n5nc4mHY9N9vQpn4tM5hXzj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2021.

CORREA, Y.; GOMES, R. P.; RIBEIRO, V. G. Infografia e acessibilidade para o público surdo. *HFD*, v.6, n.12, p. 28-45. 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/hfd/article/view/2316796306122017028/8142>. Acesso em: 02 ago. 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS (FENEIS). *A educação que nós surdos queremos*. Documento elaborado no Pré-Congresso ao V Congresso Latino Americano de Educação Bilíngue para Surdos. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 1999.

FERREIRA, C. G.; SANTIAGO, J. S. Considerações sobre o sistema CAPES de avaliação. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 1274-1294. 2018. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/178>. Acesso em: 09 nov. 2021.

FIORI, E. M. Aprender a dizer a sua palavra. In.: FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 71 ed. 2021, 256p.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2019.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 71 ed. 2021, 256p.

FREITAS, D. A.; EULÁLIO, W. E. S. Os surdos e o ensino superior no Brasil: uma reflexão. *Revista Eletrônica Nacional de Educação Física*, v. 10, n. 15, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/2621/2782#:~:text=O%20pa%C3%ADs%20tinha%2C%20em%202016,%2C52%25%20do%20total>.. Acesso em: 02 ago. 2021.

MAHER, T. M. O Dizer do sujeito bilíngue: aportes da sociolinguística. *Anais do Seminário Desafios e possibilidades na educação bilíngue para surdos*. Rio de Janeiro: Instituto

Nacional de Educação de Surdos, 1997. Disponível em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002964.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2021.

MEGALE, A. Educação bilíngue de línguas de prestígio no Brasil: uma análise dos documentos oficiais. *The Specialist*. Volume 39, número 2, ano 2018. Disponível em:
<https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/38653>. Acesso em: 09 nov. 2021.

LARA, F. A. de. *Acesso aberto ao conhecimento científico e acessibilidade na percepção da pessoa surda*. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em:
<http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/handle/1/819>. Acesso em: 09 nov. 2021.

LOPES, M. A institucionalização do curso de licenciatura em Letras-Libras no Brasil: língua, sujeitos e sentidos. *Línguas e instrumentos linguísticos*, n. 42. 2018. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8661564/23131>. Acesso em: 23 out. 2021.

OLIVEIRA, G. M. de. Políticas Linguísticas: uma entrevista com Gilvan Muller de Oliveira. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016. Disponível em:
<http://www.revel.inf.br/files/e92f933a3b0ca404b70a1698852e4ebd.pdf>. Acesso em 21 abr. 2020.

QUADROS, R. M. de. Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão. *Revista Ponto de Vista*, UFSC, n. 5, 2004. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1246>. Acesso em: 09 nov. 2021.

QUADROS, R. M. de. O bi do bilingüismo na educação de surdos. *In.: Surdez e bilingüismo*. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36. Disponível em:
<https://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/MuellerdeQuadros-2005.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2021.

QUADROS, R. M. de. O primeiro curso de graduação em Letras Língua Brasileira de Sinais: Educação à distância. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.10, n.2, p.169-185. 2009. Disponível em:
<https://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=7&idart=281>. Acesso em: 22 out. 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In.: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas* Buenos Aires: CLACSO, 2005, p.117- 142. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 09 nov. 2021.

RIBEIRO, T. da S. *Novas formas de divulgação do conhecimento científico*. E-docente. 29 jun. 2021. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/educacao/novas-formas-de-divulgacao-do-conhecimento-cientifico/>. Acesso em: 02 ago. 2021.

SÁ, T. M. de.; FRANCISCO, G. da S. A. M.; BOURGUIGNON, S. C. Biocinais: recurso com licenças abertas em ambiente avá auxilia na

divulgação de conhecimento científico bilingue em cursos de Pós-Graduações. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.7, p.72124-72142. 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/conta/Downloads/33121-84595-1-PB.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2021.

SOARES, M. Para quem escrevemos? Para quem pesquisamos? In.: GARCIA, R. L. (org.) *Para quem escrevemos. Para quem pesquisamos. O Impasse dos intelectuais*. São Paulo: Cortez, 2001. pp. 65-90.

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC*. 2018. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/wp-content/uploads/2018/11/Regulamento-de-TCC-1-1.pdf>. Acesso em: 22 out. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Anexo II. *O Trabalho de Conclusão de Curso*. Disponível em: <http://www.letraslibras.ufpr.br/projeto-pedagogico-do-curso/>. Acesso em: 22 out. 2021.

WALSH, C.; OLIVEIRA, L. F. de; CANDAU, V. M. Colonialidade e pedagogia decolonial: Para pensar uma educação outra. *Arquivos Analíticos de Políticas educativas*, v. 26, n. 83, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326558994_Colonialidade_e_pedagogia_decolonial_Para_pensar_uma_educacao_outra. Acesso em: 09 nov. 2021.

ZUIN, A. A. S.; BIANCHETTI, L. O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: um equilíbrio difícil e necessário. *Cadernos de Pesquisa*, v. 45, n. 158, pp. 726-750. 2015. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/3294>. Acesso em: 09 nov. 2021.